



Muito cuidado com a euforia

Superávit comercial pode chegar a US\$ 40 bilhões, mas o jogo é muito perigoso

No início de fevereiro deste ano, quando a cotação do dólar recuou a R\$ 2,61, a menor cotação desde junho de 2002, observamos neste espaço que se o Banco Central (BC) não intervisse no mercado de câmbio, comprando dólares, a cotação da moeda americana cairia a menos de R\$ 2,50 antes da Semana Santa. Erramos por 45 dias quanto ao prazo, mas não quanto à previsão. Na terça-feira desta semana, o dólar furou a barreira de R\$ 2,50 e fechou a R\$ 2,49. Nos dias seguintes foi a R\$ 2,46, a menor taxa dos últimos três anos.

No interregno entre o Carnaval e a Páscoa, o BC saiu da inércia e entrou firme no mercado adquirindo dólar, que chegou a R\$ 2,75 em 23 de março. Parecia que estava salva a pátria, mas era só ilusão. De lá para cá, a cotação da moeda americana só fez cair, com leves surtos de alta.

Por que o BC mudou de atitude? Um conceituado economista diz, com certa dose de ironia, que o BC precisava elevar as reservas líquidas, que estavam então em US\$ 39,5 bilhões, para poder trombetear que não iria renovar o acordo com o (FMI), que terminava no fim de março. Como as reservas estão agora em US\$ 39,36, o governo, pelo visto, se dá por satisfeito.

Outros dizem que os estupendos resultados da balança comercial explicam a passividade do BC. De fato, as exportações de janeiro a abril (US\$ 33,65 bilhões) cresceram 29,25% em relação aos mesmos meses do ano passado. A expansão das importações foi bem menor (19,58%) e elas ficaram em US\$ 21,45 bilhões. O superávit de US\$ 12,19 bilhões supera

em 50,67% o do idêntico período de 2004.

Calcula-se que, se o saldo da balança crescer à mesma taxa do trimestre, teríamos nada menos do que um superávit de mais US\$ 50 bilhões. Nem os analistas mais afoitos chegam a isso, mas há quem preveja que o superávit pode ficar bem próximo ou superar US\$ 40 bilhões.

Não é impossível, mas é preciso saber até que ponto os exportadores estão dispostos a cortar custos para manter o "drive exportador". As montadoras e alguns setores, como o de autopeças, já deixaram claro que a perda de rentabilidade já está perto do insuportável. Outras empresas dizem que vão "reavaliar a situação". O quadro internacional continua favorável à exportação, mas não está excluída a hipótese de que ele se reverta.

Contudo, presumindo que tudo permaneça igual, um saldo da ordem de US\$ 40 bilhões pode ser facilitado pela desaceleração das importações. Mas até agora as compras no exterior vêm registrando apenas uma ligeira queda na média diária (de US\$ 276,1 milhões em fevereiro, US\$ 266,3 milhões em abril). Com o desaquecimento que se verifica nas vendas industriais pelo terceiro trimestre consecutivo, segundo a CNI, é possível que as importações de máquinas e equipamentos e de matérias-primas arrefeçam.

São conjecturas. Não há elementos para desmentir as projeções otimistas. Mas ninguém pode negar que, com o real sobrevalorizado, o governo descuida, deliberadamente, da defesa nesse jogo perigoso.